

NK ANÁLISE

PRÉ-CANDIDATURAS ANTECIPAM A CORRIDA ELEITORAL



CONSULTORES
Relações Governamentais

PRÉ-CANDIDATURAS ANTECIPAM A CORRIDA ELEITORAL

Luiz Inácio Lula da Silva candidato pelo PT e Jair Bolsonaro filiado ao PL. Os dois, hoje, são considerados os favoritos para 2022 e observam os rivais se articularem na tentativa de viabilizar uma terceira via na corrida presidencial. Sérgio Moro entrou no Podemos; João Doria venceu as prévias no PSDB; Ciro Gomes insiste pelo PDT; e outros nomes testam seus potenciais de votação nas urnas.

A disputa pelo Planalto ganha um horizonte mais claro a 10 meses das eleições. Até o início de agosto, prazo limite para inscrição das chapas, teremos meses de muitas especulações, negociações de alianças e prognósticos. A seguir, considerações sobre o cenário que se apresenta para 2022.

As pesquisas

Diferentes institutos apresentam pesquisas que, no início de dezembro de 2021, colocam Lula e Bolsonaro nos primeiros lugares, seguidos pelo ex-juiz Sergio Moro. Os levantamentos de intenção de votos, com tanta antecedência, mostram um cenário a partir do qual os candidatos traçam estratégias, pois mapeiam segmentos da sociedade e regiões onde seriam mais votados ou rejeitados. As próximas pesquisas indicam se as estratégias adotadas estão ou não funcionando.

Vale lembrar que, em geral, a maioria dos eleitores passa a prestar de fato atenção na disputa a partir de agosto, a dois meses do dia da votação. É quando começa a propaganda eleitoral e os candidatos estão definidos.

Filiado ao Centrão

Depois do vai não vai, o presidente Jair Bolsonaro agora tem casa nova. Após dois anos sem partido, Bolsonaro filiou-se ao Partido Liberal, o PL. Decidiu disputar a reeleição por um partido do Centrão, bloco partidário conhecido por apoiar governos em troca de cargos e emendas. Bolsonaro e família estarão em 2022 no partido cujo cacique é o ex-deputado Valdemar Costa Neto, que foi condenado no mensalão.

Bolsonaro teve de ser pragmático. Não conseguiu criar um partido e optou por uma legenda com fundo partidário, tempo de TV e estrutura regional - agora tenta atrair PP e PTB para sua aliança. O PL vislumbra eleger uma bancada na faixa de 50 deputados. Se conseguir, terá força para negociar apoio ao presidente.

É interesse de sua candidatura barrar possíveis alternativas do centro para direita do eleitorado. O presidente deve apostar mais uma vez na agenda de costumes e no discurso do medo pelo retorno do PT, de combate ao comunismo. Seu desafio é mostrar que o antipetismo segue majoritário na sociedade.

Os adversários certamente vão questionar sobre a alta do custo de vida e o desempenho do governo na pandemia. Bolsonaro aposta no Auxílio Brasil, programa que substitui o Bolsa Família, para crescer entre eleitores de baixa renda. Assim como Lula, ele se beneficia de maior número de candidatos na terceira via, pois a polarização acaba sendo beneficiada pelos votos pulverizados.

Oposição a Bolsonaro

Um cenário de inflação e dificuldades na economia, como o atual, tende a favorecer um candidato de oposição que rivaliza com o presidente. Esse cenário, conforme as pesquisas atuais, coloca Lula em um eventual segundo turno, uma vez que ele é (e deseja ser) o principal opositor a Bolsonaro. Esse quadro é ruim para Ciro Gomes, que fica com pouca margem para crescer entre eleitores de esquerda. Para Lula, quanto mais postulantes a terceira via, melhor para consolidar sua presença no segundo turno.

Lula tem como ativo aos eleitores, em especial os mais pobres, os anos de bonança na economia vividos em seus mandatos. Por outro lado, carrega a marca dos escândalos de corrupção dos três governos e meio do PT (Lula e Dilma) à frente do país. O ex-presidente tem o desafio de se aproximar do centro e do mercado financeiro, a exemplo do que fez com sucesso em 2002, e manter a base mais ideológica do próprio partido aquecida. A costura para ter Geraldo Alckmin, que deve sair do PSDB, como vice, vai nesse sentido de aceno ao centro.

Um pré-candidato é sempre ouvido com atenção, por isso Lula, ao defender a ditadura de Ortega na Nicarágua. Ao não criticar ditadores de esquerda, Lula fortaleceu a estratégia de seus adversários, que enfatizam a veia autoritária de um eventual novo mandato do petista.

Moro na terceira via

O ex-juiz e ex-ministro da Justiça de Bolsonaro entrou no Podemos, que se apresenta como partido político dos defensores da Operação Lava Jato. A ope-

ração, decisiva no impeachment de Dilma Rousseff, foi esvaziada após a saída de Sérgio Moro da Justiça Federal de Curitiba e agora coleciona derrotas no Supremo Tribunal Federal (STF) e na Procuradoria-Geral da República (PGR).

Moro é, no momento, o nome que parece ainda ter chance de ser a chamada terceira via da corrida presidencial. Ser promissor não significa que terá sucesso para quebrar a polarização entre Lula e Bolsonaro. É uma tarefa complicada, em razão do percentual de eleitores consolidados que votariam nos dois líderes das pesquisas. Visto como algoz do PT com a Lava Jato, responsável direto pela condenação e prisão de Lula, Moro dificilmente teria votos à esquerda. Logo, ele mira bolsonaristas arrependidos e pragmáticos. Parte dos bolsonaristas considera que ele traiu o presidente.

O desafio do ex-juiz é ter performances melhores do que as de Bolsonaro nas projeções de segundo turno contra Lula, forma de atrair o voto útil da direita. Ainda assim, Moro terá dificuldades para explicar a aliança que teve com Bolsonaro e as derrotas sofridas no STF. Por outro lado, já estabelece pontes com o mercado financeiro e com as Forças Armadas, ao atrair para o Podemos o general Santos Cruz, ex-ministro de Bolsonaro.

João Doria

O governador de São Paulo venceu as prévias do PSDB, um processo que não teve o sucesso esperado, pois dele resultou um partido ainda mais dividido. Parte considerável dos filiados optou pelo governador gaúcho Eduardo Leite, agora cortejado por outras legendas, a

exemplo do futuro União Brasil (DEM+PSL).

João Doria tem com a vitória o desafio de se mostrar viável até a convenção do próximo ano, ou seja, tem um semestre para sair das faixas de um dígito nas pesquisas. Uma ala do partido ainda não desistiu da ideia de abrir mão da candidatura própria ao Planalto a fim de concentrar recursos na busca por uma bancada grande na Câmara, o que garante maior fundo partidário e tempo de TV.

Doria tem histórico de sucesso nas eleições que disputou - prefeitura de São Paulo e governo do Estado - e um estafe profissional, experiente em campanhas. Por outro lado, ele terá dificuldades para explicar o apoio explícito a Bolsonaro em 2018, ilustrado no voto BolsoDoria. Surfou na onda do bolsonarismo e tempos depois virou inimigo do presidente.

Da mesma forma que Moro, Doria vai se apresentar como terceira via, um gestor eficiente e liberal na economia. Precisar, assim como Moro, ter bons resultados nas pesquisas de segundo turno para angariar o voto útil e fortalecer a candidatura.

Ciro Gomes

A lista de candidatos a terceira via tem mais nomes, que, por ora, têm dificuldades nas pesquisas. O ex-ministro **Ciro Gomes** é conhecido, tem eleitores fiéis, mas sofre para atrair votos à esquerda em razão da candidatura de Lula. Assim, **Ciro** critica o ex-presidente, mas acaba recebendo críticas de pedetistas alinhados com Lula.

O Novo lançou o cientista político Felipe d'Ávila. Já o MDB também ensaia nova candidatura própria, desta vez com a senadora Simone Tebet. Nos bastidores, o nome da parlamentar é visto como boa opção de vice em uma chapa com pegada de terceira via. A 10 meses da eleição, novos nomes serão testados e veremos muitos flertes de alianças. Doria, por exemplo, sonha ter Moro como seu vice.

Recessão técnica

O Brasil entrou em recessão técnica ao ter dois trimestres seguidos de queda no Produto Interno Bruto (PIB): recuou 0,4% de abril a junho e caiu 0,1% de julho a setembro.

A recessão técnica é um termo que indica sinal de alerta para o desempenho apático da economia. O PIB de 2021 segue projetado com alta de 5%, pois vem de uma queda em 2020. As projeções para 2022 indicam risco de queda ou avanço tímido do indicador.

A economia é um ponto que, no momento, dificulta a reeleição de Bolsonaro. O desemprego recuou, mas segue em patamar elevado (12,6% ou 13,5 milhões de pessoas). A inflação está acima de 10%, com destaque para os preços dos alimentos e dos combustíveis, e a taxa básica de juros tende a ficar acima de 10% ao ano.

O governo ainda não encontrou uma forma de incentivar a melhora dos indicadores. O país vive estagflação (inflação alta e crescimento baixo) e a recuperação sofre, em nível global, novo abalo com a pandemia de Covid-19. A variante Ômicron faz países retomarem medidas de restrição, com impactos na economia. No Brasil, festas de Réveillon

foram canceladas. O país tem como vantagem o fato de ter 64% da população completamente imunizada e 75% com ao menos uma dose.

Mendonça, o ministro persistente

Após quatro meses de espera, André Luiz Mendonça foi aprovado pelo Senado e assumirá uma cadeira no STF no dia 16. Pastor, o novo ministro venceu pela perseverança. Não desistiu da vaga e correu o risco de derrota até a véspera da votação. Como venceu, desmoralizou o senador Davi Alcolumbre (DEM-AP), que segurou a sabatina para retaliar o governo.

Ex-ministro da Justiça e ex-Advogado-Geral da União, Mendonça é o jurista "terrivelmente evangélico" prometido por Bolsonaro. O ministro substituirá

Marco Aurélio Mello, que se aposentou. Logo, herdará os processos do antecessor, entre os quais, inquéritos do presidente da Câmara, Arthur Lira, e casos que interessam ao governo em temas como redes sociais, queimadas e defensivos agrícolas.

Mendonça é o segundo integrante da Corte indicado pelo presidente. Nunes Marques, o primeiro, tem votado alinhado aos interesses do governo. No STF, acredita-se que Mendonça será alinhado ao governo, porém não na mesma medida de Nunes Marques. Com a aprovação de Mendonça, as próximas mudanças no STF estão previstas para 2023, com as aposentadorias de Ricardo Lewandowski e Rosa Weber. As indicações serão feitas pelo presidente eleito em 2022.

Auxílio Brasil e PEC dos Precatórios

O governo Bolsonaro aprovou em definitivo no Congresso a medida provisória que cria o Auxílio Brasil. Falta concluir a PEC dos Precatórios, que vai abrir espaço no orçamento para viabilizar o auxílio no valor mínimo de R\$ 400,00 por família. A PEC, que muda o cálculo de correção do teto de gastos e parcela o pagamento de precatórios (dívidas já decididas pela Justiça), abrirá R\$ 106 milhões no orçamento de 2022, ano eleitoral. A PEC passou pelo Senado, porém com mudanças no texto, o que exige nova análise da Câmara. Deputados avaliam promulgar de forma parcial o texto, somente com trechos que não foram alterados. Um dos trechos é a mudança no cálculo de inflação a ser considerada para o reajuste do teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas do governo. O governo deseja liquidar a aprovação da PEC nas próximas duas semanas, antes do recesso.

Reforma Tributária

O ano se aproxima do final sem avanços importantes na agenda de reformas. O governo não se empenha e segue longe de um consenso sobre as diferentes propostas de reforma tributária em discussão no Congresso. No Senado, há expectativa de análise ainda em dezembro de uma proposta de emenda à Constituição (PEC) que trata da criação de um Imposto sobre Valor Agregado (IVA), substituindo impostos federais, estaduais e municipais. O texto encontra resistências e, caso passe pelo Senado, precisa ser votado pela Câmara. Já as mudanças no Imposto de Renda, aprovadas pela Câmara, só devem ser debatidas no Senado em 2022.